

Prezada Mariana,

Aqui vão umas linhas sobre o 25 de Abril:

O 25 de Abril foi quando foi e foi como foi por várias razões. Vou lembrar algumas delas, para mim das mais importantes.

Primeira-treze anos de guerras em África, agravadas na Guiné e em Moçambique, e com muitos militares cansados e convencidos de que não havia vitória possível, nem militar nem, sobretudo, política.

Segunda-um poder político autoritário há mais de quarenta anos, gasto, parado no tempo, distante da Europa e do Mundo, sem renovação e sem perspectiva de futuro.

Terceira- uma classe média, que tinha aumentado nas décadas de 50 e de 60, com poder económico e social, mas sem poder político.

Quarta-os sectores mais pobres a terem de emigrar para a Europa, num total de 1 milhão de portugueses em dez anos, ou seja 1 de cada 10 portugueses, assim desertificando o interior do Continente.

Quinta-a progressiva integração da nossa economia na Europa, porque para lá iam os nossos emigrantes e porque com ela se estabelecia o nosso comércio – importações e exportações, não com a África de língua portuguesa.

E, porque o regime que existia não conseguiu reformar-se, sucedeu aquilo que acontece quando as reformas não chegam ou chegam tarde: veio uma revolução.

Quarenta anos depois, coisas houve que temos de reconhecer que, globalmente, foram positivas.

Primeira-foi uma revolução pacífica, com custos humanos mas sem guerra civil ou confrontos sangrentos, em geral.

Segunda-os que mais sofreram com o fim do Império e a descolonização integraram-se na sociedade de forma pacífica, corajosa, com iniciativa e vontade de recomeçar as suas vidas e contributo vital para o País.

Terceira-a Democracia foi sendo construída, sem experiência passada, em tempo muito curto e com participação de muitas dezenas ou mesmo centenas de milhares de portugueses - no Poder Local, nos sindicatos, nas empresas, nas escolas, no Poder Central.

Quarta-a entrada para as Comunidades Económicas Europeias foi feita com uma capacidade de adaptação da nossa economia e da nossa sociedade que muitos, lá fora como cá dentro, não esperariam.

Quinta - a nossa saúde, tal como a nossa educação, e a nossa segurança social melhoraram imenso, a seguir ao 25 de Abril e nas décadas seguintes, aproximando-nos de economias e sociedades mais ricas e mais justas.

Sexta - a nossa economia foi convergindo com as mais ricas da Europa e diminuiu a desigualdade social.

Estas realidades foram visíveis, de modo claro, até ao final do século passado. E levaram a que se esquecesse que Portugal mudara muito em pouco tempo e que isso tem sempre custo muito elevados,

disfarçados com os dinheiros vindos de Bruxelas e o clima de expectativas elevadas e duradouras que se gerou.

Mas, também houve e há pontos negativos no balanço de quarenta anos de Abril.

Primeiro - a descolonização deixou marcas nos dois lados e demorou muito tempo a ultrapassá-las e, ainda hoje, se sente que essas marcas e as do passado colonial sobrevivem nalgumas ideias ou nalguns comportamentos.

Segundo-a nossa Democracia, apesar de tão nova, já tem sinais de prematuramente velha, a precisar de reforma no Estado, nas autarquias locais, nos partidos, nos parceiros sociais e, sobretudo, na credibilidade dos que governam e na confiança dos que são governados relativamente àqueles.

Terceiro-a Europa tem vivido uns anos maus, de crises e indecisões, e isso tem abalado a esperança nela e na sua moeda - o euro.

Quarto-desde quase o começo do século, temos vivido em crise em Portugal, agravada nos últimos anos, com afastamento dos países mais ricos da Europa, aumento da desigualdade e efeitos na educação, na saúde e na segurança social.

Se olharmos para positivo e negativo, compreenderemos por que razão quase todos festejam o 25 de Abril, mas também por que razão muitos, mais velhos, se consideram desiludidos pelo fim de vida tão diferente do que sonharam, e, muitos outros, mais novos, se sentem frustrados pelo presente que vivem. Embora todos ou quase prefiram democracia-mesmo velha ou incompleta - à ditadura anterior e percebam que o Império não podia sobreviver, que a Europa era o nosso espaço mais próximo e que a nossa economia teria de mudar.

Eu, que tinha 25 anos, dava aulas de Direito na Universidade e trabalhava no jornal Expresso-que ainda existe -,vivi o 25 de Abril a trabalhar. Estava a trabalhar na madrugada de 24 para 25 e vi a coluna que ia para o Rádio Clube Português, e passei o resto do dia-depois de ter tomado um duche em casa, nessa madrugada - a cobrir o que se vivia. A ver acabar a censura à imprensa, a assistir ao fim da polícia política, a verificar a fraqueza do poder, que caía sem tiros, a determinação do MFA e o nascimento da Junta de Salvação Nacional, e a escrever sobre tudo isso.

Com a originalidade de trabalhar num jornal de oposição e de meu Pai ser governante a ser deposto. Feliz pela chegada da Democracia. Muito feliz! Mas, filho que terminou o dia intenso de júbilo a ir a casa do Pai, para saber como estava.

Acabava o regime pelo qual ele se tinha batido. Começava aquele que eu tinha sonhado.

E é tudo o que me ocorre, assim, de improviso e a correr...

Com amizade,

Marcelo Rebelo de Sousa